FISIOTERAPIA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTRATÉGIAS DE ACOLHIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

Eyla Sales Castilho[1], Isabely Alcantara de Souza Neves[2], Júlia Sant'Ana Salgado[3], Larissa Fagundes Bittencourt Lopes[4], Liza Loren Avelino Coutinho Rodrigues[5], Maria Paula Ribeiro Lima Amorim[6], Wecylla Kelly Goulart de Castro Carvalho[7] e Rafael Luiz da Silva Neves[8]

[1]Graduanda em Fisioterapia - Centro Universitário UNIFACIG, 2510021@sempre.unifacig.edu.br.
[2]Graduanda em Fisioterapia - Centro Universitário UNIFACIG, 2510097@sempre.unifacig.edu.br.
[3]Graduanda em Fisioterapia - Centro Universitário UNIFACIG, 2510043@sempre.unifacig.edu.br.
[4]Graduanda em Fisioterapia - Centro Universitário UNIFACIG, 2510033@sempre.unifacig.edu.br.
[5]Graduanda em Fisioterapia - Centro Universitário UNIFACIG, 2510226@sempre.unifacig.edu.br.
[6]Graduanda em Fisioterapia - Centro Universitário UNIFACIG, 2510186@sempre.unifacig.edu.br.
[7]Graduanda em Fisioterapia - Centro Universitário UNIFACIG, 2520079@sempre.unifacig.edu.br.
[8]Doutor em Ciências da Saúde - Centro Universitário UNIFACIG, rafael.neves@sempre.unifacig.edu.br.

Palavras-chave: Autismo; Fisioterapia; Inclusão Social; Acolhimento.

INTRODUÇÃO

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) define o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado na sua síntese pela dificuldade na comunicação, na interação social e pelo comportamento restritivo ou repetitivo. Possui gravidade e apresentação variáveis e é permanente. Apesar disso, o diagnóstico precoce é essencial para melhora do prognóstico, amenizando os sintomas e permitindo uma melhor qualidade de vida para os seus portadores.

Devido à diversidade de desafios que podem afetar uma criança com TEA, a abordagem multiprofissional é amplamente recomendada. Essa abordagem abrange uma variedade de aspectos e adota o modelo biopsicossocial, levando em consideração o contexto completo em que a criança está inserida (Garcia et al., 2017).

A relevância da fisioterapia no apoio a indivíduos com TEA também se evidencia em sua capacidade de potencializar a interação social e a inclusão. Ao ajudar na regulação sensorial e na funcionalidade motora, a fisioterapia pode facilitar a participação em atividades familiares, escolares e comunitárias, promovendo maior independência e integração. Como demonstrado por estudos recentes, essas melhorias influenciam positivamente a saúde mental, o bem-estar geral e a

qualidade de vida das pessoas com TEA (Fernandes et al., 2020; Jia; Xie, 2021).

Nesse contexto, compreender o papel do fisioterapeuta na abordagem de crianças com TEA não apenas amplia o espectro de intervenções disponíveis, mas também contribui para uma compreensão mais holística das necessidades desses indivíduos (Da Silva Santos, 2021).

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE EXTENSIONISTA

A intervenção extensionista foi realizada no Salão da Comunidade Imaculada Conceição, localizado no bairro Coqueiro, na cidade de Manhuaçu-MG, no dia 18 de outubro de 2025, no período das 14h às 17h. O espaço, que regularmente recebe atividades comunitárias, foi previamente organizado pelas alunas do 2° período de Fisioterapia para garantir um ambiente acolhedor, confortável e adequado ao diálogo. O público-alvo da ação foi composto por mães associadas a Associação das Mães e Amigos dos Autistas de Manhuaçu (AMAAM), além de alguns familiares e cuidadores que acompanham crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O ambiente foi cuidadosamente preparado para favorecer a interação. As cadeiras foram dispostas em formato de círculo, permitindo que todas as participantes se enxergassem, criando uma atmosfera de igualdade e proximidade. Uma mesa com água, café e lanche foi montada ao fundo, tornando o local mais acolhedor e contribuindo para que as mães se sentissem confortáveis e à vontade para compartilhar suas vivências.

A ação contou com a participação de sete acadêmicas de Fisioterapia, responsáveis por conduzir toda a atividade. O encontro teve início com uma breve apresentação das estudantes, na qual explicaram quem eram, o propósito da intervenção, os objetivos do projeto e a importância da escuta ativa na construção de conhecimento dentro da prática fisioterapêutica. Essa abertura inicial desempenhou um papel significativo, pois muitas mães relataram que nunca tinham participado de atividades que realmente valorizassem suas experiências e sentimentos. Após essa introdução, deu-se início a roda de conversa, momento central da intervenção.

As acadêmicas atuaram como mediadoras, estimulando as mães a falarem sobre temas como: desafios cotidianos com seus filhos, barreiras para inclusão social, dificuldades na rotina familiar, experiências com terapias e profissionais de

saúde, além de sentimentos relacionados à maternidade e ao cuidado continuado. A conversa fluía de forma espontânea, respeitando o tempo e o ritmo de cada participante. Momentos de emoção foram recorrentes, algumas mães se emocionaram ao relatarem situações de preconceito, sobrecarga ou cansaço, enquanto outras compartilharam pequenas conquistas diárias que eram motivo de orgulho. A troca gerou um ambiente de profunda empatia, acolhimento e solidariedade entre as mulheres presentes.

Após a roda de conversa, foram aplicados dois questionários:

a) Questionário do Projeto: Elaborado pelas alunas, tinha o objetivo de identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas famílias; compreender barreiras internas (rigidez cognitiva, rotina, comunicação); analisar barreiras externas (convivência social, acesso a terapias, preconceito); avaliar a percepção das mães sobre a atuação do fisioterapeuta e o impacto esperado das intervenções motoras no TEA. Esse instrumento foi aplicado individualmente, com leitura das perguntas em voz alta pelas estudantes, garantindo acessibilidade total às participantes, independentemente do nível de escolaridade.

b) Questionário de Feedback: Criado para avaliar a qualidade da intervenção; o acolhimento proporcionado; a organização do encontro; a relevância do tema abordado. As participantes puderam registrar anonimamente suas opiniões, críticas e sugestões. Durante a condução das atividades, pequenas adaptações precisaram ser feitas. A profundidade das falas das mães e a necessidade de escuta sensível exigiram ajustes no cronograma, reduzindo algumas perguntas inicialmente planejadas. Mesmo com essas mudanças, o grupo manteve o foco principal da intervenção, criar um espaço confortável, seguro e respeitoso para que as mães pudessem se expressar.

O encerramento foi marcado por um café da tarde coletivo, preparado pelas próprias alunas como gesto de agradecimento pela presença e generosidade das mães ao compartilharem suas histórias. O momento final foi descontraído e carinhoso, muitas participantes relataram que se sentiram “ouvidas de verdade”, “respeitadas” e “valorizadas”, expressando gratidão e pedindo que atividades como essa aconteçam mais vezes. A intervenção, de modo geral, promoveu não apenas coleta de dados para o projeto, mas principalmente acolhimento, fortalecimento emocional e aproximação entre mães e futuros profissionais de saúde, reforçando a importância da extensão universitária como ferramenta de impacto social e formação

humana.

DISCUSSÃO

A intervenção contou com a presença de 10 mães associadas da AMAAM, com filhos autistas com idade média de 9 anos, sendo a maioria do sexo masculino. Além do diagnóstico de autismo, foram observadas diversas outras comorbidades, como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), atraso no desenvolvimento motor, atraso na fala, epilepsia, dislexia, Transtorno Opositor Desafiador (TOD) e escoliose.

Em relação a fisioterapia, 80% das crianças já realizaram ou realizam fisioterapia, entretanto algumas mães afirmaram que nunca receberam informações sobre a importância da fisioterapia no autismo.

Com base no questionário do projeto, foram analisadas as dificuldades diárias vivenciadas pelas mães em casa e o impacto na rotina diária da família. Quando questionadas sobre o comportamento mais desafiador no cotidiano, as participantes relataram a rigidez cognitiva e a dificuldade da criança em aceitar mudanças na rotina.

Um dos principais desafios relatados pelas participantes foi a dificuldade em sair de casa para atividades como ir ao supermercado, ao médico ou a uma festa. Até mesmo a vida social das mães mudou, com relatos de que não conseguem mais conviver com os amigos e familiares e que passaram a conviver mais com outros pais de autistas. Foi relatado também que evitam a frequência a locais com grande aglomeração de pessoas, em virtude de possíveis julgamentos e ocorrência de crises. Ao serem questionadas sobre o apoio familiar, apenas 30% das participantes relataram contar com esse suporte. Justificando os sentimentos de cansaço e sobrecarga no dia a dia. Essa informação demonstra a importância do fisioterapeuta em compreender o contexto familiar como parte essencial do tratamento, promovendo intervenções que consideram o bem-estar da criança quanto ao de seus cuidadores.

Quando questionadas sobre as dificuldades em encontrar terapias específicas para seus filhos, grande maioria das participantes relataram enfrentar desafios, destacando a escassez de profissionais especializados na região. Apesar disso, as participantes reconheceram os benefícios que a fisioterapia poderia proporcionar aos seus filhos, como aumento da força física e a melhora da postura.

Dessa forma, é observado que a fisioterapia vai além do consultório, se estendendo ao cotidiano da criança, exigindo a integração das práticas terapêuticas em sua rotina diária. Com isso, a fisioterapia se mostra fundamental na promoção da autonomia e da inclusão social das crianças com TEA.

Com base no questionário de feedback, a intervenção teve um impacto positivo na vida das participantes. Os dados indicam que a roda de conversa abordou conteúdos relevantes para sua realidade, além de ter proporcionado um ambiente acolhedor, no qual se sentiram à vontade para compartilhar suas experiências e desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção extensionista realizada com as mães da AMAAM evidenciou a relevância de ações que integram escuta qualificada, apoio emocional e diálogo aberto entre comunidade e formação acadêmica. A roda de conversa, aliada aos questionários aplicados, permitiu compreender de maneira mais profunda os desafios enfrentados pelas famílias de crianças com TEA, revelando tanto barreiras internas quanto externas que permeiam o cotidiano dessas mães. Além disso, destacou-se a necessidade de maior valorização das vivências familiares na construção do cuidado em saúde.

A atividade demonstrou que o fisioterapeuta desempenha um papel fundamental no contexto do TEA, não apenas pela atuação motora, mas pela capacidade de promover inclusão, funcionalidade e melhoria da qualidade de vida. O encontro também proporcionou aos estudantes uma experiência enriquecedora, fortalecendo habilidades de comunicação, empatia e práticas humanizadas, aspectos essenciais na formação profissional.

De modo geral, a ação cumpriu seus objetivos ao unir teoria e prática, aproximar universidade e comunidade, e criar um espaço seguro de acolhimento. As repercussões positivas relatadas pelas participantes reforçam a importância da continuidade de iniciativas extensionistas, que contribuem significativamente para o desenvolvimento social e para a formação de profissionais mais sensíveis, éticos e preparados para atuar de forma integral.

REFERÊNCIAS

DA SILVA SANTOS, Gislainne Thaice; MASCARENHAS, Millena Santana; DE OLIVEIRA, Erik Cunha. **A contribuição da fisioterapia no desenvolvimento motor de crianças com transtorno do espectro autista**. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, v. 21, n. 1, p. 129-143, 2021.

FERNANDES, Lidiane Aparecida et al. **Análise da lateralidade e destreza manual em crianças com transtorno do espectro autista**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 4, p. 587-604, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbee/a/Wqkr3pJbFSb65STpSyMsZQK/?lang=pt. Acesso em: 15 set. 2025.

JIA, Weihua; XIE, Jinghong. **Improvement of the health of people with autism spectrum disorder by exercise**. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 27, n. 3, p. 282-285, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbme/a/F8D9ndfYxnHmSvr6KwwNdbt/abstract/?lang=pt. Acesso em: 16 set. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de orientação: transtorno do espectro do autismo**. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. São Paulo: SBP, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf. Acesso em: 17 set. 2025.